



OPRESSÕES INTERSECCIONAIS E ENSINO DE HISTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA CRUZ DA RUFINA COMO PATRIMÔNIO DIFÍCIL NO CARIRI CEARENSE

Eixo Comunitário: Violência de Gênero e LGBTQIAfobia

Cícero Joaquim dos Santos
Universidade Regional do Cariri
joaquim.santos@urca.br

RESUMO:

No Natal de 1854, a morte de Thereza Rufina provocou muitos rumores, sensibilidades fúnebres e tensões sociais. Naquele 25 de dezembro, Rufina foi assassinada na Baixa da Severina, percurso que ligava a povoação de Porteiros à Vila de Milagres, no sul da Província do Ceará. Nas páginas dos periódicos da época, há acusações que apontam para a autoria do crime e seus desdobramentos. Conforme as notícias divulgadas, o escravo Agapito, pertencente ao coronel João Tavares de Castro Figueiras, teria assumido a autoria do crime, antes de fugir. Pouco tempo depois, ele morreu em Cajazeiras, Província da Paraíba. Os rumores e as dúvidas que circularam recaíram sobre os reais motivos do assassinato, e sobre seu mandante. Segundo um depoente mencionado no Jornal O Cearense, havia rumores de que Rufina era amásia do coronel João Tavares de Castro Figueiras, e que sua esposa teria arquitetado o desaparecimento de Rufina. Outro narrador aponta que Agapito agiu por vingança, pois teria apanhado do referido coronel por ter chamado Rufina de “égua”. Nas páginas dos periódicos, Rufina foi mencionada como “égua”, “amásia” e “puta”, termos reveladores das opressões de gênero que lhe recaíam. Sua morte trágica tornou-se um marco temporal e espacial. Seu corpo morto foi esmiuçado e abandonado sem os ritos fúnebres da época. No local, foi erguida uma Cruz que ganhou seu nome. Desde então, ela vem sendo cultuada pelos moradores das áreas próximas, especialmente mulheres e agricultores pobres. Esta pesquisa objetiva compreender o processo de construção da Cruz da Rufina como patrimônio difícil a partir de práticas educativas na contemporaneidade. Mediante os usos das categorias sensibilidade, interseccionalidade e patrimônio difícil, esta pesquisa histórica analisa os materiais educativos produzidos sobre a morte da Rufina e o culto ao seu espaço, conectando-os nos debates sobre ensino de história.

Palavras-chave: Morte; Patrimônio Difícil; Ensino de História.